



## A potência do visual em Oswald de Andrade

NADIÁ FERREIRA  
Prof<sup>a</sup> de Literatura da UERJ

Em 1910 dá-se na Europa a contestação da estética e dos valores tradicionais em todas as artes. Oswald de Andrade busca um processo similar ao da literatura européia, colocando a literatura brasileira inscrita nos dados da novidade estética e da ideologia contemporânea. Posiciona-se contra uma opção nacionalista, pois o romantismo, em nome dessa bandeira, aprisionou o olhar: o Brasil é um paraíso tropical, onde as palmeiras, o sabiá e os índios são decantados num discurso ufanista e melodramático. Uma visão de cartão postal como atração ao turista europeu, que apesar dos anos passados, ainda permanece com seus elementos atualizados: o samba, a mulata, o carnaval.

Identifica o culto da retórica redundante com o nacionalismo e aponta a ruptura com esta quando formula que a imagem visual deve antecipar o verbal. Este processo constitui-se no recurso de *visualização* como nova forma de expressão a ser adotada. Ou seja, uma linguagem que apresenta a possibilidade de uma morfologia sucinta conter subjacente uma semântica extensa. Dessa forma, Oswald aproxima a literatura daquilo que vai constituir a novidade formal da linguagem ocidental contemporânea: o seu uso ideogramático.

Oswald cria de certo modo o mesmo processo da vanguarda poética, em que o visual destaca-se do verbal. Para isso, Oswald utiliza os seguintes processos poéticos: a *paródia*, a *ironia* e a *antimetáfora*. Esses processos serão definidos teórica e textualmente.





*Oswald de Andrade*

paródia também na composição do texto que apresenta a oração “Lá vai uma barquinha carregada de” que contém seu campo semântico destacado. “Lá vai” e “barquinha” introduzem o léxico da paródia. A paródia tem como efeito a anti-metáfora (“No litoral azul de meu Brasil”) que é uma crítica que ridiculariza os valores culturais de uma civilização “tropical”. É uma agressão que assimila a linguagem anterior mostrando-a incompatível com a realidade que simulava representar. Procura deglutir esta linguagem e partir dela própria, substituindo-a por uma situação aparentemente absurda; o que entretanto compromete culturalmente os valores criticados e, até então, universalmente aceitos e exaltados.

Estamos em plena antropofagia, recurso que é juntamente com a temática tropical um dos pontos de ligação com a música de Caetano Veloso. Não só a música MAMÃE CORAGEM procede da mesma maneira (deglutindo o mito do amor materno por colocá-lo despido de algumas de suas principais ilusões, parodiando poema A MÃE de Olavo Bilac, uma vez que esta não se desdobra fibra por fibra, ela precisa de coragem para viver na sociedade industrial, mas também a recente interpretação de O ESCAPULÁRIO.

Em Week-End de Godard, êle usa a antropofagia deglutindo todos os mitos modernos; hipies, guerrilheiros, jovens pra frente, etc. ao colocá-los diante de uma situação realmente antropofágica que, embora pareça absurda, demonstra a não radicalização de suas ideologias diante da sociedade industrial.

Buscando o mesmo Oswald de Andrade, José Celso Martinez Correia (Grupo Oficina) colocou a temática do antropofágico no moderno teatro brasileiro. Realizou experiências já conhecidas em **REI DA VELA**, **RODA VIVA**, e a **A SELVA DA CIDADE** onde um processo de deglutição dos tipos de uma cidade se efetua antropofagicamente. O que parece ter sido esquecido pela visão atual da “sociologite” que substitui a antropofagia e seus efeitos em favor de um C. P. C. para classe média, premiado inclusive pelo S. N. T.